

# O herói-envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial

## Rafael Alcadipani da Silveira

Professor Adjunto da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas - EAESP-FGV. Associado pleno do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Ph.D pela Manchester Business School. Mestre em Administração de Empresas pela EAESP-FGV. Graduado em Administração de Empresas pela Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM.

 rafael.alcadipani@fgv.br

## Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros

Professora Ajunta II dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Doutora em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas - EAESP-FGV. Mestre em Administração pela UFU e pelo Centro Universitário de Franca (2002).

 cintia@ufu.br

### Resumo

Nesta pesquisa, com o objetivo de compreender a produção e reprodução de significados que policiais atribuem ao trabalho policial no Brasil, conduzimos uma pesquisa qualitativa analisando as respostas de um formulário on-line preenchido por 305 respondentes. Para essa análise, tomamos como base os modelos teóricos sobre significado do trabalho e as noções de mal-estar no trabalho. Nosso argumento é que os significados atribuídos ao trabalho contêm referenciais positivos e negativos, pois o significado é construído e reconstruído conforme o contexto social. Os resultados indicam que os significados do trabalho atribuídos por policiais não se resumem aos referenciais positivos que valorizam a atividade, mas, sim, se constituem de um conjunto de significações que se relacionam com suas vivências, suas histórias, seus sentimentos e com o contexto amplo do trabalho.

### Palavras-Chave

Trabalho policial. Significações de “ser policial”. Mal-estar no trabalho.

## INTRODUÇÃO

O trabalho assumiu importância para a vida humana ao longo da história do mundo, e, a despeito das mudanças ocorridas no modo de organização do trabalho, as quais apontam para a emergência de um novo paradigma (ANTUNES, 1995; RIFKIN, 1996), ele ainda permanece como categoria central no modo de vida contemporâneo. De acordo com a literatura especializada, o trabalho é considerado central na vida humana por prover as necessidades para a subsistência, fontes de identidade, oportunidades de realização e determinar padrões de status em uma comunidade mais ampla (KUCHINKE et al., 2009), o que reflete, também, as escolhas individuais de carreira e educação (HARPAZ; HONIG, COETSIER, 2002; WESTWOOD, LOK, 2003). Assim, o significado atribuído ao trabalho, que transcende modelos individuais de referência, exerce influência no modo pelo qual o indivíduo interage socialmente, o que lhe confere importância como objeto de estudo.

O significado do trabalho se constituiu como campo de estudos recebendo contribuições de uma variedade de perspectivas teóricas originadas da sociologia, da psicologia social do trabalho, da socioeconomia e economia do trabalho, entre outros (ARDICHVILI; KUCHINKE, 2009). De modo geral, as tradições de pesquisas desse campo se orientam pelos aspectos positivos do significado do trabalho, como a sua importância para a realização do indivíduo; no entanto, a experiência humana relacionada ao trabalho pode ser caracterizada tanto pela satisfação, orgulho, exuberância e prazer, como pelo desapontamento, pesar, angústia, desespero e sofrimento (ARDICHVILI; KUCHINKE, 2009).

O trabalho policial é relacionado com as atividades do Estado voltadas para a segurança e tranquilidade públicas e, como tal, é percebido como um instrumento para legitimar a autoridade estatal (MONET, 2006; PONCIONI, 2007; SANDES, DURANTE, 2009). Essa

perspectiva tem sido predominante nos estudos acadêmicos sobre a polícia, nos quais, conforme Muniz (1999, p. 41), o policial é desconhecido como sujeito, ou seja, “[...] a polícia e os policiais aparecem ‘apassivados’ diante de um jogo de poder mais essencial que a eles só caberia executar”. No entanto, os policiais são trabalhadores que desenvolvem um processo de trabalho, compartilhando sentimentos de pertencimento e identificação, valores e crenças comuns à profissão que escolheram.

Nessa direção, nossa pesquisa analisa o que é ser policial considerando as noções de mal-estar no trabalho e as dimensões dos modelos teóricos de significado do trabalho, buscando compreender a produção e reprodução de significados do trabalho policial no Brasil, na perspectiva de policiais. Para tanto, conduzimos uma pesquisa qualitativa, cujo *corpus* é composto pelas respostas de um formulário *on-line* preenchido por 305 respondentes, sendo as respostas agrupadas conforme as temáticas identificadas no processo de codificação (GIBBS, 2009).

Inicialmente, discutimos as perspectivas teóricas sobre o significado do trabalho e as noções de mal-estar no trabalho. Em seguida, descrevemos os procedimentos de pesquisa e apresentamos os resultados encontrados. Ao final, discutimos os resultados e fazemos nossas considerações.

### **ABORDAGENS SOBRE O TRABALHO: SIGNIFICADOS, VOCAÇÃO, MAL-ESTAR E SOFRIMENTO**

A temática significado do trabalho é estudada por uma variedade de abordagens, recebendo contribuições conceituais e teóricas

sobre as condições de trabalho e sua relação com a identidade e escolhas de carreira (ARDICHVILI; KUCHINKE, 2009). Para a economia, o trabalho significa a oportunidade de fazer dinheiro; já a sociologia e a psicologia social voltam-se para os seus aspectos não pecuniários, dando ênfase à sua centralidade para a vida humana (GILL, 1999). Nos estudos do comportamento organizacional, cuja perspectiva se apoia na psicologia, as percepções de significados são originadas das interpretações subjetivas dos indivíduos das suas experiências e interações no trabalho (WRZESNIEWSKI, 2003). Já no âmbito da sociologia, os indivíduos atribuem maior ou menor significado às coisas e às suas experiências de vidas influenciados pelos sistemas sociais e culturais em que vivem (MEAD, 1934; GEERTZ, 1973; MILLS, 1976), perspectiva adotada nesta pesquisa para a compreensão dos significados atribuídos por policiais às atividades que desempenham.

Os significados que o trabalho adquire são influenciados pelo contexto sociocultural, porém, são raros os estudos sobre o tema que investigam as implicações das diferenças culturais (WESTWOOD; LOK, 2003), ainda que as variações culturais sejam consideradas em estudos relacionados às atitudes dos indivíduos no trabalho. Como exceção a essa lacuna, Westwood e Lok (2003) citam o Meaning of Work International Research Team (MOWIRT), uma referência no campo de estudos do significado do trabalho, que realizou uma pesquisa considerando oito nações (MOW, 1987), que resultou em outras publicações, entre as quais as de Harpaz, Honig e Coetsier (2002), Harpaz e Fu (2002) e de Kuchinke et al. (2009), que identificaram, entre outros resultados, que a centralidade do trabalho está sujeita

a variações culturais. Desse modo, é possível que os significados que os indivíduos atribuem ao que fazem sejam dependentes das relações sociais entre esses e o meio em que vivem, tendo caráter dinâmico e multifacetado. Para o MOW (1987), os significados que as pessoas atribuem ao trabalho estão relacionados com a institucionalização do trabalho na sociedade e, também, com outros papéis sociais que o indivíduo desempenha; portanto, os padrões de significados do trabalho podem afetar as estruturas sociais e, consequentemente, as organizações.

A pesquisa do MOW (1987) e a maioria dos pesquisadores da área concentram-se em quatro principais dimensões do significado do trabalho: (1) sua centralidade – grau da importância conferida à vida do indivíduo e a importância relativa do trabalho quando comparado com outras esferas da sua vida; (2) suas normas sociais – direitos e obrigações para com a sociedade percebidos como associados ao trabalho executado; (3) a importância dos seus objetivos – finalidade do trabalho para o indivíduo; e (4) os resultados valorizados – aquilo que as pessoas buscam obter com o trabalho. Essas dimensões são influenciadas por fatores socio-demográficos, educação e socialização, e, ainda, podem ter seus valores modificados ao longo da trajetória de vida do indivíduo, dependendo das suas experiências de trabalho.

A diversidade de perspectivas resulta em contribuições e debates, incluindo um quadro conceitual composto por termos utilizados, muitas vezes, de forma intercambiável, como faz o MOWIRT, a despeito de suas diferenças (TOLFO, PICCININI, 2007; ARDICHVILI, KUCHINKE, 2009): sentidos e significados do

trabalho<sup>1</sup>. Morin (2004), por exemplo, utiliza o termo *meaning of work*, traduzido no Brasil como “sentidos do trabalho” (MORIN, 2001), para se referir à significância que o sujeito atribui ao trabalho que realiza, suas representações e a importância que assume na sua vida. Já o termo significado do trabalho refere-se ao valor da significância que alguma coisa, neste contexto, o trabalho, tem para um indivíduo (PRATT; ASHFORTH, 2003). Conforme Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010), o valor de significância percebida pode variar, pois, dependendo da experiência individual, o trabalho pode ser uma experiência extremamente significativa ou nada significativa. O fato é que o modo como os termos estão relacionados e são utilizados na literatura provoca sobreposições e, frequentemente, uma confusão conceitual (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010).

Outra diferença entre os dois termos é explicada por Tolfo e Piccinini (2007, p. 44): “Os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto, ao passo que os sentidos são caracterizados por ser uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano”.

A despeito das diferenças entre os dois termos, as tradições de pesquisas de ambos se orientam para o estudo do modo como os empregados encontram significados positivos no seu trabalho, as fontes de significado no trabalho (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010) e aquilo que é tipicamente considerado indesejável no trabalho (WRZESNIEWSKI, 2003). No entanto, Brief e Nord (1990) e Wrzesniewski (2003) entendem que os significados

que as pessoas atribuem às suas experiências, inclusive no trabalho, podem ser positivas, negativas ou neutras.

De modo mais específico, nos estudos sobre significados do trabalho no campo do comportamento organizacional as pesquisas vêm sendo desenvolvidas, principalmente, orientadas para os aspectos positivos dos significados (CODA, FONSECA FALCONE, 2004; STEGER, DIK, DUFFY, 2012), negligenciando dimensões que associam o trabalho com o desapontamento, pesar, angústia, desespero e sofrimento (ARDICHVILI; KUCHINKE, 2009), enquanto no campo da economia do trabalho ele é associado à perda do lazer (GILL, 1999).

Wrzesniewski et al. (1997) e Wrzesniewski (2003) têm uma orientação de pesquisa para os significados positivos do trabalho, identificando evidências que indicam que a maioria das pessoas vê seu trabalho como um emprego, uma carreira ou uma vocação. O emprego não está relacionado com prazer ou satisfação ou com um lado principal da vida, mas, sim, com as recompensas financeiras e necessidades a serem preenchidas. A carreira está relacionada com o crescimento profissional e a vocação (*calling*) diz respeito ao prazer em realizar um trabalho socialmente útil.

O termo vocação tem sido uma preocupação nos debates na área de educação formal e profissional, assumindo conotações diversas. A vocação tem origens religiosas, sendo utilizada para referir-se ao trabalho de monges e padres que serviam a Deus dedicando suas vidas às atividades de oração e contemplação

(DAWSON, 2005). Essa concepção se modificou com a expansão do espírito empreendedor, nos séculos XVIII e XIX; tendo o trabalho assumido a dimensão central da vida humana, o termo vocação passou a ser associado com o trabalho ocupacional capaz de prover o homem de satisfação e dignidade, reforçando o pensamento então corrente de que o ser humano é, em sua essência, um trabalhador (MEILAENDER, 2000).

Weber (2003), ao discutir o papel da ciência no mundo moderno e o conceito de política, apresenta a definição de vocação como convicção pessoal. Para o sociólogo, a vocação da política é encontrada naquele que “[...] esteja convencido de que não se abaterá nem mesmo que o mundo, julgado de seu ponto de vista, se revele demasiado estúpido ou demasiado mesquinho para merecer o que ele pretende oferecer-lhe, aquele que permaneça capaz de dizer ‘apesar de tudo!’, aquele e só aquele tem a ‘vocação’ da política” (WEBER, 2003, p. 124). Portanto, a vocação está na imparcialidade, no descompromisso com os fins e na observância das normas.

Essas abordagens privilegiam os significados atribuídos ao trabalho em uma perspectiva positiva, mesmo porque o termo significado está relacionado à importância ou ao valor que o trabalhador confere ao seu trabalho. No entanto, no contexto contemporâneo, em que o crescimento das instituições ocasionado pela revolução tecnológica resulta em instabilidade social e aprofunda as desigualdades econômicas (SENNET, 2006), prevalecendo a lógica do capital sobre a força humana de trabalho (ANTUNES, 1995), o trabalhador se vê de-

safiado a prosperar em condições instáveis e fragmentadas (SENNET, 2006).

Assim, em outra direção, surgem abordagens que se concentram nos aspectos negativos do trabalho, como as emoções tóxicas (FROST, 2003), o sofrimento (DEJOURS, 1994) e o mal-estar no trabalho (FERREIRA; SEIDL, 2009), entre outras, apontando para uma dimensão do significado do trabalho pouco considerada na literatura específica da significação e sentidos do trabalho. Frost (2003) chama de emoções tóxicas as dores emocionais que, segundo o autor, são inevitáveis no ambiente laboral, pois no trabalho as pessoas lidam com escassez de recursos, competição e orçamentos, entre outras limitações, não sendo possível, assim, que todos sejam felizes ao mesmo tempo. Ferreira e Seidl (2009), diante da ausência de um corpo conceitual sobre mal-estar no trabalho, utilizam-se dos estudos sobre o bem-estar no trabalho (BET) para pesquisar o que chamam de “reverso da medalha”, ou seja, a outra faceta do trabalho.

A abordagem de Dejours (1994, 1998, 2000) estimulou estudos nos anos 1980, na França, que se alinham à perspectiva da psicodinâmica do trabalho para pesquisar os impactos do trabalho na saúde psíquica dos trabalhadores. Ao colocar a subjetividade do trabalhador no centro, as contribuições da abordagem dejouriana proporcionam a compreensão das relações estabelecidas entre prazer, sofrimento e trabalho, considerando a interação entre as condições de trabalho e seus impactos na saúde mental dos trabalhadores, visto que rejeita a ideia da separação clássica de dentro e fora do trabalho (DEJOURS, 2004).

O sofrimento no trabalho é colocado por Dejours (1993, 1994, 2004) como a vivência de experiências dolorosas, as quais são caracterizadas por sentimentos gerados no espaço entre os seus desejos e a ausência de possibilidade de realização. Esses sentimentos, angústia, medo e insegurança, conforme Dejours (2004), são apenas uma ponta do que significa o sofrimento, pois, pior que isso, é a responsabilidade que o trabalhador assume por eles, o que pode levá-lo, inevitavelmente, a uma sensação de impotência e incapacidade. E mais, de que seu esforço e sua dedicação são inúteis e descartáveis.

Diante das perspectivas que tratam dos aspectos positivos e negativos do trabalho, é possível que ambas emergem quando se abordam os significados que o trabalhador atribui ao seu trabalho, a exemplo dos resultados da pesquisa de Mills (1976) em que o autor identifica que o trabalho, ao longo da história da humanidade, esteve mais relacionado à pena e ao sofrimento do que ao prazer. E é na concordância de que os significados que o indivíduo atribui ao trabalho são influenciados pelo contexto sociocultural e histórico e, ainda, que estes não estão concentrados em um único pólo – já que, para Dejours (2000, 2004), o prazer no trabalho pode estar acompanhado de sofrimento –, que nossa análise procura compreender a produção e reprodução dos significados que os policiais atribuem ao seu trabalho, conforme descrevemos a seguir.

## PESQUISAS SOBRE O TRABALHO POLICIAL

A profissão policial carrega em si muita complexidade. De um lado, o risco e o perigo são inerentes ao trabalho policial, o que se estende

à sua família (DERENUSSON, JABLONSKI, 2010; ANCHIETA et al., 2011); além disso, esses profissionais estão mais vulneráveis a diversos problemas de saúde de ordem física e psíquica (ANCHIETA et al., 2011; MINAYO, SOUZA, 2003), sendo altas as taxas de suicídio nesta categoria (MILLER, 2006). Esses fatores conferem à profissão policial uma aura de honra, orgulho, determinação e sacrifício (BRETAS, 1997; SÁ, 2002). Por outro lado, a atividade policial é veiculada nos meios de comunicação de uma forma também negativa, pela violência e truculência da ação policial, pelas condutas amorais, resultando em uma imagem desvalorizada da força policial em geral (FRAGA, 2006; MINAYO, SOUZA, CONSTANTINO, 2008).

As pesquisas sobre o trabalho policial, de modo geral, apontam para as graves consequências emocionais e físicas decorrentes da natureza da atividade, como, por exemplo, sobre representações do cotidiano do trabalho policial (MOREIRA et al., 1999), prejuízos à saúde mental (AMADOR et al., 2002; SPODE, MERLO, 2006; LIMA, 2003), estresse em policiais militares (DANTAS et al., 2010), sofrimento e adoecimento no trabalho (ANCHIETA et al., 2011), estresse ocupacional em policiais mulheres (BEZERRA; MINAYO; CONSTANTINO, 2013), riscos e insegurança (SOUZA, MINAYO, 2005; BEZERRA, MINAYO, CONSTANTINO, 2007; SOUZA et al., 2012; MINAYO, ADORNO, 2013), a defasagem da organização burocrática (ARAÚJO; LIMA, 2012), entre outros. De acordo com os resultados dessas pesquisas, a carreira policial é sujeita a riscos e perigos cotidianamente, e, em virtude de exigências específicas da função policial, a integridade física e mental dos membros

da força policial ficam sujeitas a riscos, sendo ainda expostos cotidianamente à violência e a eventos criminosos e ilegais. Esse contexto causa tensões, transtornos à saúde e outras consequências, como homicídios e suicídios.

A “Pesquisa de vitimização de risco entre profissionais do sistema de segurança pública”, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2015), mostrou que a profissão policial acarreta graves consequências para os seus membros e sua família. Entre essas consequências, a ameaça à sua vida, bem como a de membros da sua família, acusações injustas, discriminação, colegas vitimados, insegurança, falta de apoio da sociedade e do comando, condições precárias de trabalho. Ainda, a maior parte os respondentes afirmou evitar o transporte coletivo e esconder o uniforme ou distintivo no trajeto entre casa e trabalho.

Bezerra, Minyao e Constantino (2007) trazem resultados que, de modo geral, resumem aqueles encontrados em pesquisas anteriormente citadas: (a) a saúde do policial enquanto trabalhador não tem recebido a atenção merecida; (b) o mesmo acontece com o risco e a vitimização dos policiais; (c) a opinião pública sobre o trabalho policial é negativa, o que implica sofrimento no trabalho pela falta de reconhecimento social; (d) os policiais são vítimas do desempenho de suas atividades, por vivenciar violências como ferimentos, agressão física, tentativa de suicídio e homicídio; (e) condições de trabalho precárias, tanto em termos materiais bem como de organização e gestão do trabalho.

Assim, não se pode desconsiderar o contexto profissional dessa categoria no Brasil, o qual

é caracterizado por pressões inerentes à atividade policial, tanto pelas expectativas de segurança da sociedade, dos governos, agências e, também, dos membros da categoria. Trata-se de uma categoria profissional que convive com a violência real (materializada pelos índices de homicídios, suicídios, injúrias físicas) e com a violência invisível (originada da tensão cotidiana e manifestada no plano psíquico), devendo corresponder a anseios e pressões sociais e governamentais (SOUZA et al., 2012), configurando-se na situação de trabalhadores que buscam ser bem-sucedidos em condições desafiadoras.

### PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Esta pesquisa é parte integrante de um projeto mais amplo, no qual um dos autores realizou uma etnografia em polícia estadual de uma grande cidade brasileira, durante três anos. Isso indica que o autor possui conhecimento expressivo a respeito do que é ser policial nessa instituição, o que possibilita a utilização do formulário para perguntas qualitativas, uma vez que o pesquisador possui profundo conhecimento do cotidiano da polícia. Com o objetivo de analisar os significados do trabalho policial atribuídos pelos respondentes da pesquisa, nós utilizamos de uma abordagem qualitativa de matriz interpretativista.

O material empírico analisado foi gerado a partir das respostas obtidas de um formulário *on-line* estruturado em duas partes. A primeira solicitava informações sobre a função que o respondente desempenhava e o tempo de trabalho, o qual variou de 1 ano e 9 meses a 38 anos. A segunda parte continha questões sobre a motivação inicial para ingresso na polícia, as condições atuais de trabalho, o cotidiano

de trabalho do policial civil, a motivação para permanecer na corporação, as tarefas e atividades da profissão, os relacionamentos desenvolvidos na polícia, o ambiente de trabalho e sua relação com a vontade de ser policial, e, por fim, o respeito e a admiração das pessoas que ajudam no dia a dia.

O *link* para acesso ao formulário foi enviado como um *link* por grupos do aplicativo WhatsApp, tendo sido respondido, no período de 20 de janeiro a 15 de fevereiro de 2015, por 305 membros dessa força policial, em diferentes cidades do Brasil, sendo: 16 agentes de polícia, 6 agentes de telecomunicações, 1 auxiliar papiloscopista, 5 carcereiros, 185 delegados, 21 escrivães, 3 fotógrafos técnicos-pericial, 60 investigadores, 1 papiloscopista policial, 1 perito criminal, 5 agentes e 1 pessoa que não identificou sua função. As respostas foram opcionais e anônimas, sendo os respondentes identificados na pesquisa pela sigla RF (respondente do formulário), seguida do número sequencial. O relatório com as respostas resultou em 196 laudas impressas.

Para a análise do material empírico foi empregado o processo analítico de codificação, que consiste em “[...] identificar uma ou mais passagens do texto que exemplifiquem alguma ideia temática e ligá-las a um código” (GIBBS, 2009, p. 77), o que permite acessar os textos codificados de forma semelhante. Inicialmente, foi realizada a leitura do material, a qual permitiu identificar questões norteadoras sobre os aspectos positivos e negativos relacionados ao trabalho nos depoimentos dos participantes da pesquisa. Concluída essa etapa, prosseguimos com a etapa de codificação, que envolveu



a escolha de unidades de registro (respostas individuais para cada questão do formulário), seleção de regras de enumeração e escolha de categorias, descritas na seção seguinte, que agrupam os significados que os policiais participantes da pesquisa atribuíam ao trabalho. Por fim, interpretamos o material utilizando as dimensões dos modelos teóricos de significado do trabalho e as noções de mal-estar no trabalho para embasar nossa análise.

### SER POLICIAL É...

Os significados de “ser policial”, para os participantes desta pesquisa, são influenciados pelo contexto sociocultural em que vivem, podendo se manifestar por aspectos positivos (CODA, FONSECA FALCONE, 2004; STEGER, DIK, DUFFY, 2012) e por aspectos negativos (ARDICHVILI; KUCHINKE, 2009) que associam o trabalho a desapontamento, pesar, angústia e sofrimento. Nesta seção, apresentamos sete agrupamentos de significados do trabalho atribuídos pelos respondentes, que correspondem às temáticas identificadas.

### SER POLICIAL É “SER HERÓI, DIGNO E HONRADO”

Nesse agrupamento, que contém referenciais positivos do significado do trabalho, estão as expressões dos entrevistados mencionadas ao apresentarem motivos para o ingresso e permanência na carreira policial. Os entrevistados atribuíram ao trabalho policial o significado de ser herói quando mencionaram que o seu ingresso na força policial foi motivado pelo desejo de “proteger a população”, “combater o crime”, “defender os fracos”, “vontade de consertar o mundo”. São expressões indicativas de que a atividade policial confere *status*, sendo um “trabalho im-

portante para o Estado”, uma “possibilidade de crescimento na carreira”, um “sonho de infância”. Ainda, a influência de familiares e amigos, as oportunidades de carreira e o trabalho em si foram citados como motivadores e incluídos nesse agrupamento por conferirem à atividade a característica de ser honrosa e digna.

A vocação também foi citada como uma das motivações para o ingresso na carreira, indicando que o significado atribuído ao trabalho pelos policiais é de natureza digna. Entendida como a ética da convicção (WEBER, 2003), a vocação foi mencionada pelos participantes em expressões como “garantir o Estado democrático de direito”, “senso de justiça”, “lutar contra o mal”, sendo tomada como *calling*, que é prestar um serviço útil à sociedade (DAWSON, 2005), nas expressões “trabalho em favor da sociedade”, “contribuir para a sociedade”, “sacerdócio” e “fazer a diferença”, entre outras.

Esse significado também foi manifestado quando os respondentes apresentaram os motivos para a permanência na carreira, de que os depoimentos a seguir são representativos: “Insisto em cumprir o meu papel, que é fazer a diferença na sociedade composta de pessoas e família que são vítimas da violência e que não têm a quem recorrer” (RF037); “Seguirei enfrentando os desafios e fazendo o possível para bem atender a sociedade e combater a corrupção interna” (RF295); e “Crença na importância do nosso trabalho, ainda que as condições digam o contrário” (RF196).

A profissão policial é objeto de satisfação para muitos participantes. Expressões como “amo a profissão”, “me sinto realizado na profissão

policial”, “prazer em desvendar um crime”, “é uma atividade gratificante” foram comuns, refletindo atribuição de significado positivo ao trabalho.

A literatura sobre significado do trabalho em geral, e mais especificamente aquela desenvolvida pelo MOW (1987) e seus seguidores, argumenta que as normas sociais relacionadas ao trabalho (direitos e obrigações com a sociedade percebidos como associados ao trabalho executado) é uma dimensão relevante no modelo teórico deste campo. Isso porque é inerente ao trabalho policial as atividades voltadas para o bem-estar da população em termos de segurança e ordem (SANDES; DURANTE, 2009). Sendo assim, essa categoria analítica contribui para que os participantes da pesquisa atribuam significado positivo ao que fazem.

### SER POLICIAL É “UMA VERGONHA”

Esse agrupamento constitui-se de referenciais negativos sobre as condições atuais de trabalho que levaram os respondentes a atribuir o significado do trabalho como algo vergonhoso, pois suas estruturas material e física são “*precárias, viatura sem manutenção, delegacias caindo aos pedaços, número insuficiente de viaturas*”, um verdadeiro “*sucateamento da polícia civil*” (RF285). A carreira já não tem mais tanto atrativo, pois há um abandono, falta de perspectiva de crescimento.

A atividade policial não é valorizada nem reconhecida: pelo gestor público, que tem interesses escusos, “*o governo está preocupado em equipar a polícia com armas e viaturas, pois acreditamos que isso envolve outros interesses*”; pela sociedade, “*que não vê a polícia com bons olhos*” e “*não reconhece nosso trabalho*”; pela legislação, que “*beneficia mais o bandido do que a polícia*”;

e pela imprensa, que “*desrespeita quem põe a própria vida em risco*”.

Um aspecto recorrente nas respostas e que remete ao sentimento de vergonha referiu-se à carga horária, gestão e organização do trabalho. Os respondentes mencionaram que a carga horária é desumana, extenuante, levando ao acometimento de doenças ocupacionais como estresse, hérnia de disco e acidentes de trânsito com a viatura policial por dormir ao volante. O cansaço é ocasionado pela pressão da administração para que “*trabalhemos à exaustão, apesar do nosso nítido cansaço físico e mental*”, uma “*gestão incompetente*” (RF008) caracterizada pelo excesso de burocracia, por uma chefia omissa e pela ausência de definição da missão e visão institucionais.

O sentimento de vergonha foi manifestado quando os respondentes expressaram uma percepção de que as leis protegem mais aqueles que as infringem do que aqueles que as obedecem: “*o poder de polícia está enfraquecido, a bandidagem cada vez mandando mais, nós reprimidos pela corregedoria que ouve mais a denúncia do ladrão e cada vez mais age em nosso desfavor*” (RF035); e, ainda, no “*medo de ser punido pelas leis atuais que são a favor dos criminosos*” (RF078).

Quando os respondentes discorreram sobre o cotidiano do trabalho policial, o sentimento de vergonha veio à tona, considerando a atividade “*desestimulante e vergonhosa. Eu não me apresento como delegado, não por desdém ao cargo, do qual me orgulho, mas por não ter mais paciência para suportar o olhar que me é dirigido após a apresentação*” (RF108). Nessa perspectiva, eles se veem “*estigmatizado, considerado*

*cidadão de menor valor, visto como corrupto, incapaz, indolente e ineficiente*” (RF255). Expressões como *“humilhante”* e *“vexatória”* e o fato de até mesmo omitirem que são policiais – caso de (RF 003), que admite: *“Onde moro ninguém sabe qual é a minha profissão”* – são referenciais negativos para o significado que os policiais atribuem ao trabalho.

Vergonha, humilhação, vexame e outras emoções de natureza similar refletem que o trabalho policial adquire uma dimensão não contemplada pelos modelos teóricos do significado do trabalho, como as emoções tóxicas mencionadas por Frost (2003), as quais, segundo o autor, são inevitáveis no mundo do trabalho.

### SER POLICIAL É A “ENXUGAR O GELO E VIVER DE ILUSÃO”

Esse agrupamento reúne expressões indicativas de que o trabalho policial é uma ilusão, pois *“há um excesso de delegacias abertas no passado para atender interesses políticos, contudo, não foram criados os cargos necessários para supri-las”* (RF069). Além disso, os respondentes apresentaram suas impressões de que *“o governo faz isso [desvaloriza a força policial] de propósito, cumprindo ordens da polícia militar e do Ministério Público, que tem um plano macabro para destruir a polícia civil, custe o que custar”*(RF039) e denunciaram a existência de um *“monopólio criminoso da Taurus e da Imbel para fornecimento de equipamentos de baixa qualidade por empresas nacionais controladas pelo exército”* (RF075). Outra denúncia recorrente referiu-se ao *“investimento em massa em viatura caracterizada para dar a sensação de polícia na rua”* e ao fato de que *“o governo ilude o povo com falsas estatísticas”,* fazendo *“merchandising com viaturas e armas”* (RF239).

A expressão *“enxugar o gelo”* foi bastante recorrente nas respostas quando os respondentes se referiam ao que lhes tira a vontade ser policial. A inutilidade ou falta de efetividade do trabalho policial foi expressada pelos respondentes em falas como as de RF123: *“O atendimento ao público virou mero serviços de registro notarial, muitas vezes, e na maioria delas, registrando fatos que não têm relação com o serviço policial, pobre do público que não sabe que o papel que estão levando para casa de nada vai lhe servir, já que a polícia não tem poder legal”*.

Muitas das tarefas descritas pelos respondentes como parte de suas funções os deixam desmotivados a prosseguir na carreira: *“as atividades advindas de ingerências que não representam a função pública da polícia e que servem para benefícios particulares de superiores hierárquicos”* (RF205). Além disso, muitos alegaram *“falta de instrumentos legais”, “morosidade e ineficiência da perícia técnica”, “ausência de objetivos claramente definidos de atuação”, “muitas vezes tiramos dinheiro do bolso para poder arrumar alguma coisa que necessita de rápida manutenção”*.

Ser *“otário aqui na bananolândia”* foi outra expressão a refletir um significado negativo do trabalho. Esses sentimentos, conforme Dejours (2004), leva o trabalhador a uma sensação de impotência e incapacidade, e de que seu esforço e dedicação são inúteis e descartáveis. Os participantes mencionaram ainda a *“perda de identidade da carreira”,* a sensação de serem *“explorados pela administração e abandonados pela instituição”* e a *“falta de perspectiva”*.

O depoimento de RF139 é expressivo quanto a esse significado, ao utilizar a expressão

“lixeiro social” para se referir à seletividade do trabalho policial: “Sem dúvida nenhuma, [o que me tira a vontade de ser policial é] prender pobre. Penso que fazer o papel de ‘lixeiro social’ é um dos duros golpes que recebo todo dia que prendo um pobre cujo leque de opções de vida apontava, na maioria das vezes, para a criminalidade”. Os participantes expressaram esses sentimentos ao relatarem as condições de trabalho materiais e emocionais: “funcionários veteranos que não têm condições emocionais e psicológicas de suportar o trabalho policial e de atendimento ao público e que não se aposentam para não perder parcela dos parcos vencimentos” (RF 109).

Essa categoria vai de encontro ao modelo teórico do significado do trabalho proposto por MOW(1987), uma vez que os policiais participantes da pesquisa não sentem a importância dos objetivos do trabalho que executam, o que implica, para esse modelo, um trabalho sem significado. No entanto, esse sentimento manifestado nas respostas é fruto de experiências de trabalho, e, como tal, deve ser considerado como um significado atribuído ao papel social que o indivíduo desempenha.

### SER POLICIAL É “FAZER PARTE DE UMA FAMÍLIA”

A metáfora da família foi evocada por diversas vezes, inclusive, sendo o fato de pertencer a uma família de policiais uma das motivações para a escolha da carreira. Nas seções do formulário destinadas aos relacionamentos desenvolvidos na polícia e ao ambiente de trabalho e sua relação para continuar na instituição foi recorrente a menção à família: “é minha [força policial] segunda família”; “minha equipe [membros] são verdadeiros irmãos de trabalho”;

“trabalhamos como uma família”; “somos uma família”; “brigamos, mas somos uma família”.

O sentimento de pertencer a uma família contribui para que encontrem a vontade de ser policial, como mencionou RF002: “o clima de amizade que existe na delegacia de polícia da qual sou titular ajuda muito a aumentar a vontade de todos em fazermos o melhor”. Ainda que existam problemas, o bom relacionamento e companheirismo são determinantes para continuarem na polícia, pois é nas interações do dia a dia do trabalho que os membros contornam os desafios comuns: “Temos uma boa equipe, sendo que arestas são aparadas no cotidiano” (RF077).

A metáfora da família obscurece a distinção entre interesses materiais e os vínculos afetivos que caracterizam a família, sendo esses elementos fundamentais para a coesão social, contribuindo para que os trabalhadores atribuam significados positivos ao trabalho que fazem (WRZESNIEWSKI, 2003).

### SER POLICIAL É “DORMIR COM O INIMIGO”

Ao mesmo tempo em que os respondentes manifestaram “ser uma família”, a expressão “dormir com o inimigo” também foi recorrente nas falas de parte dos entrevistados. RF083, por exemplo, respondeu: “Amigos??? A impressão que tenho é que as pessoas têm mais interesse em ver o colega se dando mal do que o contrário!!!”. O ambiente de trabalho foi descrito como um clima hostil, tenso, competitivo e ameaçador para muitos: “... tenho medo de ser baleado pelas costas ou vendido pelos investigadores” (RF268); “Existe uma disputa insana por

*poder e para e por isso fazem de tudo, de tudo mesmo*” (RF098); *“O clima é de pura falsidade, hipocrisia e puxação de saco”* (RF017); *“um querendo engolir o outro”* (RF110).

Um ambiente de trabalho em que *“cada um quer sobreviver, acabando, paradoxalmente, sendo inimigos velados”* (RF 155), que tem intrigas, fofocas, corpo mole, preguiça, onde *“reina antipatia, discussões, individualismo”* (RF 014). O clima hostil implica na vontade de mudar de carreira: *“O ambiente de uma delegacia de polícia, via de regra, é hostil. O atual clima de trabalho em minha unidade diminui minha vontade de ser policial”* (RF 173).

Várias foram, também, as menções à corrupção no meio policial: *“Notícias de corrupção nas instituições policiais, a resistência de colaboração por parte de alguns setores da sociedade e da administração pública”* (RF 301), tendo sido, inclusive, apontada como um dos motivos para desejar abandonar a carreira: *“ter que presenciar os desvios de condutas de alguns policiais”* (RF 162).

RF 019 atribuiu às pressões e condições de trabalho o ambiente de trabalho tenso: *“O clima é sempre tenso, pois a grande maioria dos policiais anda no limite, no limite de doenças decorrentes do próprio serviço ou no limite do estresse pela falta de funcionário e as cobranças que pouco têm a ver com a premissa da PC, que é a investigação”*. O clima de insegurança e insatisfação foi manifestado por muitos respondentes, apontando para o que Ferreira e Seidl (2009) denominam de o “reverso da medalha” em relação ao bem-estar no trabalho, ao pesquisarem o mal-estar no trabalho. Isso também

vai de encontro ao modelo teórico do significado do trabalho, no entanto, não se pode rejeitar a ideia de que o trabalho na sociedade contemporânea é caracterizado pelo desafio de ser bem-sucedido em condições instáveis, tanto em razão das instabilidades sociais quanto da fragilidade das instituições (SENNET, 2006).

## SER POLICIAL É “SER RECONHECIDO E AMALDIÇOADO”

A tensão de ser reconhecido e amaldiçoado emergiu nas respostas acerca do respeito e da admiração das pessoas que os policiais ajudam no cotidiano do seu trabalho. Para muitos, a população reconhece o trabalho policial e retribui com respeito e admiração. RF070 lembrou: *“Tive a satisfação de receber respostas muito positivas de vítimas que reconheceram nosso empenho, viram esclarecidos os crimes que as vitimaram e até se emocionaram em ver que podem superar os momentos traumatizantes pelos quais passaram”*. Vários respondentes mencionaram o respeito e a gratidão da população pelo trabalho desempenhado no dia a dia, na forma de *“retorno com palavras de muito obrigado”*, sendo *“abordado na via pública vez por outra”*, e, por vezes, recebendo elogios: *“até mesmo familiares de um indivíduo preso, após serem tratados com respeito e informados sobre os motivos da prisão acabam por agradecer e elogiar o trabalho da equipe”* (RF119). Nos depoimentos, alguns relataram experiências positivas, como RF156: *“Não tenho a pretensão de ser unanimidade, mas já recebi uma placa de homenagem de Câmara Municipal, por ter prendido um pedófilo no interior do Estado”*.

Já os respondentes que não percebem o reconhecimento do seu trabalho, disseram se sentir ameaçados, desvalorizados pela popula-

ção: *“Ao saírem até amaldiçoam, mesmo quando satisfeitas as expectativas”* (RF212). Muitos policiais descreveram uma percepção de que a população os vê como uma *“subclasse”*, *“um lixo”*, entre outros adjetivos desqualificadores. No depoimento de RF111, tem-se clareza do sentimento de mágoa: *“Nem nossa família gosta da polícia, só querem nossa presença quando precisam de algo”*. RF120 alegou que *“por maior que seja o esforço, apenas fazemos nossa obrigação e, quando, eventualmente, falhamos, as consequências são fatais”*; ou seja, *“se acertamos é obrigação, se erramos somos massacrados”* (RF282).

Aqui também são contadas experiências negativas: *“Certa feita, há pouco tempo, recuperamos um bem furtado de cerca de R\$ 120.000,00 e a vítima sequer disse obrigado, além de resmungar a respeito de quem iria pagar o transporte de seu bem, dizendo ser minha obrigação. Deixei-a no local e fui embora”* (RF44). É comum ainda relatos de que *“o povo, a imprensa, o Estado e a própria polícia têm raiva da instituição”* (RF089) e *“a sociedade não vê a polícia com bons olhos”* (RF0121), *“o governo que não respalda os trabalhos policiais”* (RF0168), *“o Ministério Público trata policial igual bandido”* (RF211).

Os policiais percebem que a categoria profissional está no *“abandono”*: *“somos odiados pelos bandidos e nem um pouco amados pela população. Os exemplos que repercutem na mídia são sempre os desastrosos e os que denigrem a imagem da polícia”* (RF 219). Dessa forma, o trabalho, para esses policiais que se percebem assim, adquire significado negativo, que pode estar associado ao sofrimento (DEJOURS, 1994), ao mal-estar no trabalho (FERREIRA; SEIDL, 2009) e às emoções tóxicas (FROST, 2003).

## SER POLICIAL É “VIVER CONVIVER COM O MEDO, PERIGO E RISCOS”

Acompanhando os mesmos resultados de outras pesquisas (SOUZA, MINAYO, 2005; BEZERRA, MINAYO, CONSTANTINO, 2007; SOUZA et al., 2012; MINAYO, ADORNO, 2013), esse agrupamento reúne depoimentos sobre o cotidiano do trabalho policial. É recorrente a menção à violência, ao medo, ao perigo e aos riscos no desempenho de suas atividades. FR228, por exemplo, descreve o cotidiano de trabalho como o *“enfrentamento direto com criminalidade violenta, em favelas ou locais precários, quase um policiamento ostensivo com incursões em áreas tomadas pela criminalidade fortemente armada e ligada ao narcotráfico, são ações de guerrilha, de guerra urbana para as quais não me sinto preparado e não entendo que seja a função institucional da polícia judiciária”*.

Ainda, o convívio nesse contexto de medo, perigo e riscos traz implicações à decisão de continuar na carreira. Foi comum a menção ao *“medo da exposição pela qual fui submetido até aqui. Se deixar de ser policial, não poderei andar armado e estarei à mercê do crime”* (RF104) e ao *“temor de voltar a andar desarmado”* (RF019). Os depoimentos indicam que o medo, risco e perigo são parte do cotidiano policial (DERENUSSON, JABLONSKI, 2010; ANCHIETA et al., 2011).

Os respondentes ainda mencionam as doenças ocupacionais comuns, como estresse, hérnia de disco, acidente de trânsito, carga horária desumana, falta de segurança nos plantões noturnos, o que corrobora pesquisas anteriores sobre os riscos da profissão policial (BEZERRA, MINAYO, CONSTANTINO, 2007; ANCHIETA et al., 2011; MINAYO, SOUZA, 2003).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO POLICIAL: DA CENTRALIDADE AO MAL-ESTAR NO TRABALHO

Ao analisar os depoimentos incluídos nos formulários, observamos a ocorrência de aspectos relevantes, os quais contêm elementos que se referem aos significados atribuídos ao trabalho em dois momentos distintos: (1) expectativas (antes do seu ingresso na carreira policial) e (2) experiências (durante a vivência na carreira policial). Tais significados assumiram duas formas: referenciais positivos, que associamos aos modelos teóricos do significado do trabalho, e referenciais negativos, que associamos às noções de mal-estar no trabalho.

Assim, nossa pesquisa contribui para a compreensão de que os significados atribuídos ao trabalho podem ter referenciais positivos e negativos, nos permitindo desafiar os pressupostos da literatura tradicional sobre o tema (MOW, 1987; ROSSO, DEKAS, WRZESNIEWSKI, 2010, entre outros), que se concentra nos aspectos positivos do trabalho, quais sejam, a motivação interna e externa e a satisfação com o trabalho. Essa literatura compreende que o significado atribuído ao trabalho pelo trabalhador expressa seus desejos e necessidades e, assim, o trabalho é visto como um instrumento para a realização pessoal do indivíduo.

Nesta pesquisa mostramos que o trabalho policial tem significações positivas que conferem à profissão uma aura de honra, orgulho, determinação e sacrifício (BRETAS, 1997; SÁ, 2002). No entanto, uma associação negativa com a atividade policial é veiculada nos meios de comunicação, que retratam a violência e a

truculência da ação policial, além de condutas amorais, repercutindo em um embate permanente com a população e em uma imagem desvalorizada da força policial em geral (FRAGA, 2006; MINAYO, SOUZA, CONSTANTINO, 2008). Tanto as associações negativas quanto as positivas desenharam um contexto sociocultural que influencia os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências de vidas (GEERTZ, 1973; MILLS, 1976), inclusive, no trabalho.

Corroborando o entendimento de Brief e Nord (1990), Wrzesniewski (2003) e Ardichvili e Kuchinke (2009) quanto aos significados do trabalho serem atribuídos pelas pessoas a partir de suas experiências no trabalho, que podem ser positivas, negativas ou neutras, mostramos que as tensões, as contradições e o mal-estar presentes no contexto da atividade policial se refletem nos significados atribuídos ao trabalho pelos respondentes, os quais se veem desafiados a desempenhar suas funções em condições instáveis, inseguras e precárias.

Os policiais atribuem ao trabalho o significado de heroísmo, dignidade e honra, mas, ao mesmo tempo, sentem-se envergonhados, pois trabalhar como policial é viver com medo, em perigo e colocar-se em risco. São reconhecidos pelo que fazem, porém, sentem-se também amaldiçoados pela população, pela imprensa e pelas instituições. Sentem-se parte de uma família unida, no entanto, percebem o ambiente de trabalho como hostil, tenso, hipócrita, cheio de inseguranças e riscos. Além disso, sentem que fazem o papel de lixeiro social, enxugam o gelo, vivem de ilusão e sentem-se ludibriados por seus empregadores.

Nossa análise indica que o significado do trabalho atribuídos por policiais não se resume a um significado, mas, sim, a um conjunto de significações que se relacionam com suas vivências, suas histórias, seus sentimentos e com o contexto amplo do trabalho. É nesse sentido que argumentamos que o trabalho traz significados com referenciais

negativos e, portanto, não pode ser reduzido aos sentimentos de gratificação e prazer que tornam o trabalhador mais produtivo e feliz com sua atividade. Os resultados nos permitem ainda sugerir pesquisas que aprofundem nos referenciais negativos do trabalho e suas significações para trabalhadores em outros contextos organizacionais.

- 
1. *Para uma discussão aprofundada, ver BENDASSOLI et al. (2015).*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADOR, F. et al. Por um programa preventivo em saúde mental do trabalhador na brigada militar. **Psicologia: ciência e profissão**, [S.l.], v. 22, n. 3, p. 54-61, 2002.
- ANCHIETA, V. C. C. et al. Trabalho e riscos de adoecimento: um estudo entre policiais civis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 199-208, 2011.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- ARAÚJO, N. V.; LIMA, A. J. Policiais militares em greve: o significado da ação coletiva. **Revista Políticas Públicas**, São Luís, v. 16, n. 1, p. 247-259, 2012.
- ARDICHVILI, A.; KUCHINKE, K. P. International perspectives on the meanings of work and working: current research and theory. **Advances in Developing Human Resources**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 155-167, 2009.
- BENDASSOLLI, P. F.; COELHO-LIMA, F.; PINHEIRO, R.A.; GÊ, P. C.S. The Brazilian scientific production on sense and meaning of work: review of use of terminology and current thematic classifications. **Avances en Psicología Latinoamericana**, [S.l.], v. 33, p. 2, p. 203-221, 2015. doi: dx.doi.org/10.12804/apl33.02.2015.03.
- BEZERRA, C. de M.; MINAYO, M. C. de S.; CONSTANTINO, P. Estresse ocupacional em mulheres policiais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 657-666, 2013.
- \_\_\_\_\_. Riscos percebidos e vitimização de policiais civis e militares na (in)segurança pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 11, p. 2767-2779, 2007.
- BRETAS, M. L. **Ordem na cidade**: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro, 1907-1930. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BRIEF, A. P.; NORD, W. R. Work and meaning: definitions and interpretations. In: \_\_\_\_\_. **Meanings of occupational work**. Lexington: Lexington Books, 1990. p. 1-19.
- CODA, R.; FONSECA FALCONE, G. Em busca do significado do trabalho: relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, [S.l.], v. 6, n. 14, p. 7-18, 2004.
- DANTAS, M. A. et al. Avaliação de estresse em policiais militares. **Psicologia: Teoria e Prática**, [S.l.], p. 12, n. 3, p. 66-77, 2010.
- DAWSON, J. A history of vocation: tracing a keyword of work, meaning, and moral purpose. **Adult Education Quarterly**, [S.l.], v. 55, n. 3, p. 220-231, 2005.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações**. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.
- \_\_\_\_\_. A carga psíquica do trabalho. In: \_\_\_\_\_. ABDUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994. p. 21-32.
- \_\_\_\_\_. Addendum – da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Org.). **Cristophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2004.
- DERENUSSON, F. C.; JABLONSKI, B. Sob fogo cruzado: o impacto do trabalho policial militar sobre a família do policial. **Aletheia** [online]. v. 32, p. 22-37, 2010.
- FERREIRA, M. C.; SEIDL, J. Mal-estar no trabalho: análise da cultura organizacional de um contexto bancário brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.l.], v.25, n. 2, p. 245-254, 2009.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Pesquisa de vitimização e percepção de risco entre profissionais do sistema de segurança pública**. São Paulo, 29 jul. 2015. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/sto>

rage/download//regionais\_diagramado.pdf. Acesso em: 20 fev. 2016.

FRAGA, C. K. Peculiaridades do trabalho policial militar. **Revista Virtual Textos & Contextos**, [S.l.], n. 6, ano V, p. 1-19, 2006.

FROST, P. J. **Toxic emotions at work**: how compassionate managers handle pain and conflict. Boston: Harvard Business School Press, 2003.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GILL, F. The meaning of work: lessons from sociology, psychology, and political theory. **Journal of Socio-Economics**, [S.l.], v. 28, p. 725-743, 1999.

HARPAZ, I.; FU, X. The structure of the meaning of work: a relative stability amidst change. **Human Relations**, [S.l.], v. 55, n. 6, p. 639-667, 2002.

HARPAZ, I., HONIG, B.; COETSIER, P. A cross-cultural longitudinal analysis of the meaning of work and the socialization process of career starters. **Journal of World Business**, [S.l.], v. 37, p. 230-244, 2002.

KUCHINKE, K. P. et al. The meaning of working among professional employees in Germany, Poland and Russia. **Journal of European Industrial Training**, [S.l.], v. 33, n. 2, p. 104-124, 2009.

LIMA, M. E. A. A polêmica em torno do nexos causal entre distúrbio mental e trabalho. **Psicologia em Revista**, [S.l.], v. 10, n. 14, p. 82-91, 2003.

MEAD, G.H. **Mind, self, and society**: From the standpoint of a social behaviorist. Chicago: The University of Chicago Press, 1934.

MEILAENDER, G. **Working**: Its meaning and its limits. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2000.

MILLER, L. Suicide by cop: causes, reactions, and practical intervention strategies. **International Journal of Emer-**

**gency Mental Health**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 165-174, 2006.

MILLS, C. W. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **Missão investigar**: entre o ideal a realidade de ser policial. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

\_\_\_\_\_; ADORNO, S. Risco e (in)segurança na missão policial. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 585-593, 2013.

\_\_\_\_\_; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P. **Missão prevenir e proteger**: condições de vida, trabalho e saúde de policiais militares do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MONET, J. **Polícias e sociedades na Europa**. São Paulo: Edusp, 2006.

MOREIRA, F. H et al. Do elemento a cidadão: transformações no cotidiano do trabalho do policial militar. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 25-38, 1999.

MORIN, E. M. The meaning of work in moder times. In: WORLD CONGRESS ON HUMAN RESOURCES MANAGEMENT, 10., 2004, Rio de Janeiro. **Conference...** Disponível em: <[http://web.hec.ca/criteos/fichiers/upload/MOW\\_in\\_MTimes\\_EMM200804.pdf](http://web.hec.ca/criteos/fichiers/upload/MOW_in_MTimes_EMM200804.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Os sentidos do trabalho, **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

MOW. International Research Team. **The meaning of working**. London: Academic Press, 1987.

MUNIZ, J. **Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser**: cultura e cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. 1999. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

PONCIONI, P. Tendências e desafios na formação profissional do policial no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 22-31, 2007.

PRATT, M. G.; ASHFORTH, B. E. Fostering meaningfulness in working and at work. In: CAMERON, K. S. ; DUTTON, J. E.; QUINN, R. E. (Ed.). **Positive organizational scholarship**. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2003. p. 309-327.

RIFKIN, J. **The endofwork**. New York: Putnam, 1996.

ROSSO, B. D.; DEKAS, K. H.; WRZESNIEWSKI, A. On the meaning of work: a theoretical integration and review. **Research in Organizational Behavior**, [S.l.], v. 30, p. 91-127, 2010.

SÁ, L. D. de. **Os filhos do Estado**: autoimagem e disciplina na formação dos oficiais da Polícia Militar do Ceará. Rio de Janeiro: RelumeDumar, 2002.

SANDES, W. F.; DURANTE, M. O. Avanços na democracia brasileira: a participação da sociedade civil na Conferência Nacional de Segurança Pública. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, n. 3, p. 116-127, 2009.

SENNET, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUZA, E. R. de et al. Fatores associados ao sofrimento psíquico de policiais militares da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 7, p. 1297-1311, 2012.

\_\_\_\_\_; MINAYO, M. C. S. Policial, risco como profissão: morbimortalidade vinculada ao trabalho. **Ciência & Saúde**

**Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, 917-928, 2005.

SPODE, C. B.; MERLO, A. R. C. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos capitães da polícia militar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 362-370, 2006.

STEGER, M. F.; DIK, B. R.; DUFFY, R. D. Measuring meaningful work: the work and meaning inventory (WAMI). **Journal of Career Assessment**, [S.l.], v. 20, n. 3, p. 322-337, 2012.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia e Sociedade**, [S.l.], v. 19, n. 1, Edição Especial, p. 28- 46, 2007.

WEBER, M. **Ciência e política** – duas vocações. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

WESTWOOD, R.; LOK, P. The meaning of work in Chinese context. **International Journal of Cross Cultural Management**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 139-165, 2003.

WRZESNIEWSKI, A. Finding positive meaning in work. In: CAMERON, K. S. ; DUTTON, J. E.; QUINN, R. E. (Ed.). **Positive organizational scholarship**: Foundations of a new discipline . San Francisco: Berrett-Koehler, 2003. p. 296-308.

WRZESNIEWSKI, A. et al. Jobs, careers, and callings: people's relations to their work. **Journal of research in personality**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 21-33, 1997.

# O herói-envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial

Rafael Alcadipani da Silveira e Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros

## Resumen

**El Héroe Avergonzado: tensiones y contradicciones en el cotidiano del trabajo policial**

*En esta investigación, con el objetivo de comprender la producción y reproducción de significados que los policías atribuyen al trabajo policial en Brasil, realizamos una investigación cualitativa analizando las respuestas de un formulario en línea contestado por 305 respondientes. Para ese análisis, tomamos como base los modelos teóricos sobre el significado del trabajo y las nociones de mal-estar en el trabajo. Nuestro argumento es que los significados atribuidos al trabajo contienen referencias positivas y negativas, una vez que el significado es construido y reconstruido conforme el contexto social. Los resultados indican que los significados del trabajo atribuidos por policías no se resumen a los referenciales positivos que valorizan el trabajo, pero, de hecho, esos son un conjunto de significaciones que se relacionan con sus experiencias, sus historias, sus sentimientos y con el contexto amplio del trabajo.*

**Palabras clave:** Trabajo policial. Significaciones de “ser policía”. Mal-estar en el trabajo.

## Abstract

**The Ashamed-Hero: tensions and contradictions in everyday police work**

*In this study, which sought to understand the production and reproduction of meanings that police attribute to police work in Brazil, a qualitative survey was conducted analyzing the responses to an online questionnaire completed by 305 respondents. The analysis was based on theoretical models of the meaning of work and the notions of bad feeling at work. Our argument was that the meanings attributed to work contain positive and negative references since meaning is built and rebuilt according to social context. The results showed that the meanings of work attributed by the police were not constrained to the positive references that value work but represented a group of meanings that relate with their experiences, histories, feelings and with the broad context of work.*

**Keywords:** Police work. Meanings of “being a police officer”. Bad feeling at work.

**Data de recebimento:** 05/06/2016

**Data de aprovação:** 26/08/2016